

DOSSIÊ: ENSINO DE HISTÓRIA EM “PERIFERIAS”: ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA EM MARGENS, BEIRAS, BORDAS E FRONTEIRAS


O Dossiê ora apresentado por *História & Ensino* pretendeu estimular a produção de artigos elaborados a partir de pesquisas e (sobre)vivências que versassem sobre o ensino do componente curricular História em diferentes lugares sociais/ culturais, tradicionalmente conhecidos como “periferias” – fossem em áreas urbanas, rurais ou rururbanas, ou em planos físicos e/ ou simbólicos –, em sentidos distintos da tradicional oposição centro x periferia. Além disso, pesquisas voltadas para o ensino de História entre grupos chamados de “minorias” foram valorizadas, bem como propostas que discutissem o Ensino de História local/ regional/ global/ “glocal”, o eurocentrismo e o “centro-sulcentrismo” presentes em livros didáticos, em currículos e na formação docente.

Assim, em “*Muito tiro*”: *ensinando histórias da democracia na periferia*, Caroline Pacievitch, Bruno Belloc Nunes Schlatter, Carlos Eduardo Barzotto, Gabriela Schneider e Meri Emeli Alves Machado apresentam resultados de um projeto de pesquisa, a partir de questionários respondidos por estudantes do Ensino Fundamental de quatro escolas públicas de Porto Alegre e região metropolitana, cotejados com os Projetos Político-Pedagógicos das escolas e os testemunhos de cada professor/a, também autores do artigo. Conclui-se que periferias são lugares de tensão entre a falta de quase tudo e as relações humanas com seus afetos (positivos ou não) para se seguir produzindo a vida, recusando-se a normalização da escassez e a romantização da resistência cotidiana. Compreendeu-se essas escolas e periferias como novas formas de quilombos, onde se procura, com respeito, criar aulas de História para o encontro da justa raiva, do sonho e da história.

Marta Gouveia de Oliveira Rovai, por sua vez, apresenta uma reflexão sobre a negação da presença periférica da população LGBTQIA+ no ensino de História em *Corpos periféricos no ensino de história: onde estão as pessoas LGBTQIA+?*. O artigo apresenta noções de periferia e de centralidade, situando o ensino de história de indivíduos e grupos dissidentes como uma necessidade para combater e diluir visões eurocêtricas e dualistas que apresentam como negativos o registro e o reconhecimento de uma história periférica e marginal, em nome de uma universalidade cisheteronormativa. É narrada uma experiência com discentes da Educação Básica em uma escola pública do município de Alfenas, Estado de Minas Gerais, para se referir ao dia de combate à lgbtfobia.



Editorial



Ensinar história na favela: a maré em três tempos, artigo de Luisa da Fonseca Tavares e Emanuelle Tavares Barreto dos Reis, propõe analisar a construção coletiva do planejamento de uma oficina intitulada “Maré em três tempos”, realizada em turmas do 3.º série do Ensino Médio de uma escola pública localizada no Complexo da Maré, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado. Vinculada a um projeto que promoveu a parceria entre o ensino básico e o superior, a atividade buscou uma abordagem interdisciplinar entre Ciências da Natureza e História a partir das relações histórico-ambientais entre a Maré e a Baía de Guanabara. Observou-se que há barreiras a serem enfrentadas para uma efetiva prática interdisciplinar e que valorize o território, havendo, no entanto, possibilidades de interseção e interação entre as áreas disciplinares.

No artigo *Escrita-ensino da história: uma abordagem amefricana da revolução haitiana*, Gabrielle de Souza Oliveira e Madalena Klein dialogam com a colonialidade do saber e argumentam que tal conceito encontra expressão nos currículos ensinados, sobretudo no ensino de História no Brasil. Investigando Manuais de Professoras/es de História do 8.º ano do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, sobre o tema da Revolução Haitiana, compreende-se como a presença desse evento histórico expressa uma potência decolonial na direção de uma Escrita-Ensino “amefricana” da História, a partir de perspectivas outras.

Tathiana Cristina S. A. Cassiano propõe o uso da Literatura Africana como uma ferramenta para abordar eventos históricos relacionados à África e aos povos que lá habitam, adotando uma metodologia inspirada no “giro decolonial”. *Rompendo os muros da colonialidade: a literatura africana como ferramenta para o ensino de história* explora como a obra Efuru, de Flora Nwapa, uma escritora igbo/nigeriana do século XX, pode ser utilizada no Ensino Fundamental para abordar conteúdos do componente curricular História. Argumenta-se, ainda, que a inclusão de obras como essa no ensino de História das Áfricas pode ajudar a combater estereótipos e simplificações sobre os eventos históricos relacionados ao continente.

No artigo *“Estrangeiros no próprio território”: re(es)crevendo a história do tabuleiro dos negros através da educação histórica e decolonial* verifica-se o reconhecimento do repertório de conceitos históricos, do desenvolvimento da consciência histórica e de questões ligadas ao ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas em estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Ana Xavier Lopes, na cidade de Russas, Estado do Ceará, território primeiramente habitado por negras e negros. Carlos Rochester Ferreira de Lima, Diana Nara da Silva Oliveira e Sirneto Vicente da Silva buscam socializar a experiência do projeto “O tabuleiro dos Negros tem História!”, vivenciado nos meses de fevereiro e março de 2021 – pós-pandemia



Editorial

de Covid-19. Verificou-se que por meio do levantamento de dúvidas e de ideias prévias, das vivências e pesquisas na comunidade, os estudantes estão se tornando protagonistas de suas histórias e não meros repetidores de uma narrativa que, até então, os excluía do ponto de vista étnico e educacional.

Giuvane de Souza Klüppel busca compreender como jovens se relacionam com a História, passando por questões como: Se os jovens não se identificam, não se sentem pertencentes e não se entendem agentes da história, o que resta? Faz sentido, então, a história? Que efeito exerce a narrativa mestra da história? A relação que diferentes grupos de jovens estabelecem com ela, varia? Existem relações entre a maneira como os jovens se relacionam com a história e o regime de historicidade? Assim, em *Os jovens não se reconhecem na história do Brasil, mas uns se reconhecem mais do que outros: notas para uma pedagogia no ensino da história e cultura afro-brasileira* são compartilhados resultados de uma pesquisa que investigou mais de duas centenas de narrativas escritas no ano de 2019 por jovens de idade entre 12 e 24 anos de diversas etapas de escolarização formal da cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná, a partir da questão “conte a história do seu país”. Argumenta-se, dentre outras possibilidades, em favor de uma “pedagogia”, em diálogo com debates recentes do campo do ensino de História.

Em *Ensino de história, relações étnico-raciais e decolonialidade: apropriações e possibilidades pedagógicas*, Patrícia Karla Soares Santos Dorotêio apresenta os resultados de uma pesquisa exploratória interessada em analisar propostas de ensino de História que abordem a temática das relações étnico-raciais em diálogo com a perspectiva decolonial. O campo teórico da pesquisa se fundamentou no debate proposto pelo Grupo Modernidade/Colonialidade (MC). A materialidade de pesquisa foi coletada no banco de dissertações e produtos pedagógicos do Mestrado Profissional de História – ProfHistória. Os resultados da pesquisa evidenciaram relações entre a historiografia contemporânea, os estudos decoloniais e as propostas de ensino de História a partir dos referenciais teóricos utilizados nas dissertações analisadas, bem como a partir das escolhas metodológicas para o trabalho pedagógico apresentadas.

A importância da história local para o ensino de história: reflexões a partir de uma experiência na Amazônia oriental brasileira, artigo de Lucilvana Ferreira dos Santos Barros e Roberg Januário dos Santos, debate a importância da História Local para o Ensino de História, a partir da experiência de um projeto de ensino desenvolvido junto a estudantes de Educação Básica de uma cidade do interior da Amazônia brasileira (município de Xinguara, Sudeste do Estado do Pará). Os conhecimentos e práticas adquiridos por meio do projeto permitem considerar a importância da História Local para aproximar o público escolar da História, sobretudo por possibilitar o estímulo



Editorial

à observação, à curiosidade, à criatividade, à experimentação, à elaboração de raciocínios e ao reconhecimento de relações históricas entre o passado e o presente.

Finalmente, Venâncio Guedes Pereira em *O mensageiro da fronteira: ensino de história indígena e o uso de iconografias do periódico “Mensageiro”, Oiapoque-AP (1980-1992)* apresenta o resultado de pesquisas sobre ensino de História Indígena, a partir dos movimentos sociais indígenas no município de Oiapoque, Estado do Amapá, entre as décadas de 1980 e 1990, do qual se compreende sua atuação política no contexto de afirmação dos direitos étnicos indígenas no país. A opção pelo ensino a partir do uso de iconografias se deu pela proposta de inserção da temática em sala de aula, com prerrogativa da Lei n. 11.645/2008, ancorada em uma linguagem que valoriza o potencial das fontes criadas por indígenas no século XX. Além de se utilizar de pesquisa documental, o autor propõe um método de uso dos documentos para aulas de História em turmas do 9.º ano do Ensino Fundamental.

Os artigos brevemente apresentados trazem instigantes enfoques decoloniais, pós-coloniais, subalternos, que problematizam as ideias de racionalidade hegemônica e universalismo científico, oferecendo referências não eurocentradas, especialmente de intelectuais indígenas, negros e das Américas falantes de outros idiomas além do Inglês. O pensar/ fazer em ensino de História localizado em pontos distantes (sejam econômicos, geográficos, sociais, culturais etc.) dos “centros irradiadores” hegemônicos interessou aos objetivos e enfoques pretendidos pelos proponentes do dossiê. Além disso, este número traz uma entrevista instigante com a Professora Doutora Kátia Maria Abud, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), realizada por Mairon Escorsi Valério, Renilson Rosa Ribeiro e Tatiane de Oliveira, a quem agradecemos. A obra de Abud tem grande importância para o campo do Ensino de História no Brasil.

A capa do presente número, intitulada Periféricas I, é de autoria do amapaense, arte-educador e professor de História, Afrane Távora. Trata-se de uma obra elaborada a partir da ferramenta pedagógica Tudonotodo, um código visual que, por meio de uma narrativa imagética, apresenta as culturas e as experiências estéticas, científicas e poéticas vivenciadas pelo artista nas ruas de Macapá, a capital “no meio do mundo”!

Convidamos à apreciação sem moderação do dossiê, desejando boas leituras e reflexões!

Carlos Benítez Trinidad (Universidad de Salamanca – USAL)

Giovani José da Silva (Universidade Federal do Amapá – Unifap)

Editores Convidados